

Mudanças Climáticas: Riscos e/ou Oportunidades

Consultor: Luís Henrique C. da Silva

Independentemente das causas que podem ser antropogênicas ou naturais, discutidas no meio científico, a mudança climática é uma realidade que vem causando para a humanidade, impactos de magnitudes imprevisíveis, tanto no contexto ambiental, social e, por conseguinte no contexto econômico que é fortemente afetado.

Impactos severos já podem ser observados na indústria, sejam em termos de aumento de preços de matérias-primas, danos nas rotas de transporte e aumento dos preços de energia e água, ou lacunas no fornecimento destes. As PMEs são particularmente vulneráveis a estes impactos, uma vez que muitas dependem de máquinas antigas, têm conhecimentos e competências limitados em questões de eficiência de recursos e estão localizadas em áreas com infraestrutura insuficiente, carecendo ainda de capacidades para avaliar, monitorar e adaptar-se aos riscos relacionados às mudanças climáticas.

Contudo, dada a complexidade destes impactos, nem sempre é fácil monetizá-los. Alguns estudos nos dão uma noção, como exemplo, o estudo do Banco Mundial em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina que aponta que de 1995 a 2014 a econômica catarinense sofreu perdas da ordem de R\$ 1.046.000.000,00 provocados por desastres naturais em função das alterações climáticas.

Desta forma, as organizações passaram a viver sob risco, especialmente a partir da metade do século 20. E, em se tratando de riscos, é importante para a indústria ter a capacidade para avaliar, monitorar e adaptar-se a eles.

Porém, um estudo realizado em 2017 pelo Instituto Ethos e WWF-Brasil, num questionário aplicado em 32 empresas brasileiras, aponta que somente 38% têm elaborado avaliações periódicas da vulnerabilidade climática em seus negócios e, apesar de a metade (50%) ter integrado os riscos oriundos da mudança do clima à sua cadeia de valor, somente 19% incluiu os custos de eventos climáticos extremos em seu planejamento financeiro.

Mais recentemente, em 2022, a pesquisa *Board scorecard* feita pelo Instituto Brasileiro de Governança Corporativa - IBCG sobre transição para a estratégia *net zero* e os impactos climáticos, mostra que a atuação dos conselhos empresariais frente aos impactos climáticos e à estratégia *net zero*, precisa ainda de muitos avanços e que o tema precisa ser tratado como prioritário. A pesquisa aponta que apenas 35,6% dos respondentes sinalizaram ser uma prática pautar a temática pelo menos quatro vezes ao ano na agenda do conselho, tendo objetivos claros para a discussão, além de dados e informações robustos. Para 40,4% não há clareza sobre a responsabilidade do conselho e da equipe executiva pelas decisões de redução de emissões de gases de efeito estufa. (<https://www.ibgc.org.br/blog/ibgc-mapeou-relacao-conselhos-impactos-climaticos-net-zero>)

Estes preocupantes resultados ressaltam a importância dos princípios ESG, em especial, da participação direta da Governança na mudança deste cenário.

Vale lembrar que a visão não deve ser pessimista, pois o próprio padrão ISO de gestão (14001), trata de "riscos e oportunidades", sendo que as empresas mais preparadas neste sentido conseguem ultrapassar os momentos críticos com mais facilidade.

Desta forma, as oportunidades de negócios para as organizações, resultantes da exposição aos riscos de mudanças de mudanças climáticas podem ser amplas, englobando uso eficiente dos recursos naturais, fontes de energia mais limpas, desenvolvimento de bens e serviços com menor emissão, acesso a novos mercados, assim como, a diversificação de produtos que traz mais confiabilidade da cadeia de suprimentos e mais capacidade para operar sob condições diversas.

Destaca-se que mesmo uma organização que não perceba a ameaça das mudanças climáticas para o seu negócio, sugere-se não ignorar este aspecto, pois as mudanças são constantes e o monitoramento de GEE podem mostrar oportunidades de melhorar a eficiência de processos.

Qual seria o caminho? Não há outro caminho melhor do que inventariar, medir, monitorar, definir metas de redução. Não há receita pronta para adaptação às mudanças climáticas: *“JUS DO IT”*.

Sobre gestão de riscos vale à pena lembrar que o único erro proibido é ignorar o risco e/ou de perder oportunidades. Ou seja, tudo converge para a ação e esperar os ajustes nos mecanismos internacionais e nacionais sobre mercado de carbono, pode não ser a melhor estratégia.